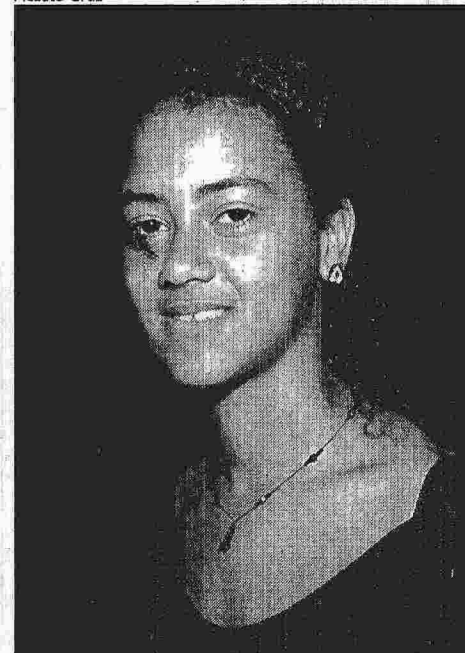


BOAS AÇÕES E NOTAS BAIXAS

Adauto Cruz



Fabiana, estudante do Setor Leste, na Asa Sul, reclama: 69 dias sem aula este ano

Lisandra Paraguassú e João Pitella Jr.
Da equipe do **Correio**

Os estudantes do Distrito Federal estão aprendendo um pouco menos do que dois anos atrás. Ou, pelo menos, não estão indo tão bem em provas quanto em 1995. Os resultados da segunda etapa do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb) — um teste aplicado a estudantes da 4ª e 8ª séries do 1º grau e 3º ano do 2º grau em todo o país — mostram que as médias dos alunos em 1997 ficaram abaixo das obtidas na primeira fase.

Nas provas de matemática e português as três séries tiveram desempenho pior do que em 1995. Apenas entre os estudantes de 2º grau a queda está dentro da chamada margem de erro — a diferença de pontos para mais ou para menos que pode haver em uma avaliação.

O Distrito Federal teria piorado, curiosamente, porque melhorou. A justificativa encontrada pelo Minis-

tério da Educação, responsável pelo SAEB — e repetida pela Secretaria de Educação do DF — é que as notas dos estudantes estão piores porque o sistema incorporou mais alunos. Destes, a maioria tem deficiências de formação por ter ficado muito tempo fora da escola.

“A incorporação de novos contingentes da população que antes não tinha acesso à escola contribui para baixar as médias”, afirma o ministro Paulo Renato Souza. “Não se trata de queda da qualidade da educação.” O Distrito Federal teve um aumento significativo na quantidade de estudantes. Em 1995, cerca de 95% das crianças estavam na escola em Brasília. Este ano, a chamada cobertura escolar já chega a 99%.

“Nós temos um grande número de estudantes que antes eram repetentes, e outros que estavam há tempos sem estudar e voltaram, graças a programas que implantamos”, explica Antonio Ibañez, secretário de Educação. Uma das boas ações do GDF, o

Bolsa-Escola, trouxe gente que há muito não estudava de volta para a escola. Muitas dessas crianças, apesar dos esforços feitos para recuperar o atraso nos conteúdos, ainda têm deficiências que levam certo tempo para serem recuperadas.

Ibañez tem ainda outra explicação para o mau desempenho dos brasilienses — neste caso, ruim: as dificuldades enfrentadas com greves e falta de professores nos últimos anos. “Foi em 1997 o ano em que tivemos mais problemas por conta da falta de professores”, lembra. O GDF chegou a contratar estudantes universitários para suprir a escassez docente.

Os problemas afetam diretamente o rendimento dos alunos. Basta uma conversa com Fabiana Bastos, de 18 anos, para perceber que ela tem cultura acima da média para a sua idade e um ótimo preparo intelectual. Mas Fabiana vai entrar em desvantagem na disputa por uma vaga no curso de Co-

municação da Universidade de Brasília (UnB), porque estuda numa escola pública e ficou 69 dias sem aula, durante a greve dos professores no primeiro semestre.

Fabiana está matriculada no Setor Leste, na Asa Sul de Brasília, colégio que é considerado modelo e tem as suas vagas — para os períodos diurno e noturno — disputadas com longas filas no início de cada ano letivo. Mas ela não está nem um pouco satisfeita com a qualidade do ensino. “A escola pública já foi boa, hoje não. Falta mais atenção dos professores aos alunos. E, em alguns casos, faltam até mesmo os professores, como aconteceu no ano passado. Passei todo o primeiro semestre sem ninguém para dar aula de matemática”, lamenta.

O docente para cobrir essa lacuna veio do Centro de Estudos Supletivos da Asa Sul (Cesas), mas o resultado não foi dos melhores. “Um professor de supletivo está acostumado a dar aulas mais corri-

das, sem aprofundar as matérias”, explica Fabiana, que não trabalha e mora com os pais.

Fabiana não chegou a fazer a prova do SAEB, aplicada em quem estava terminando o 2º grau no ano passado. Mas, se tivesse feito, tem certeza que não renderia tudo o que pode.

A prova, realizada no final de outubro do ano passado, teve 150 questões objetivas e avaliou 167,1 mil alunos de todo o país. A avaliação é feita segundo uma escala de 0 a 400 pontos. Na média, os brasileiros não estão pior do que em 1995. Mesmo assim, são ruins.

As provas da 4ª série do Ensino Fundamental são as que apresentam os piores resultados. Nas matérias avaliadas — português, matemática e ciências — nenhuma das regiões conseguiu chegar nos 200 pontos. A média brasileira é, respectivamente, 187, 165 e 181. Entre os estados, apenas Minas Gerais — o melhor colocado — conse-

guiu passar dos 50% na pontuação. Mesmo assim, em matemática atingiu apenas 193 pontos.

Na 8ª série, as médias foram um pouco melhores: 250 pontos nas três disciplinas. O 3º ano do 2º grau é que mostra um resultado que pode ser classificado como razoável. As médias ficaram em torno de 300 pontos. O que o Ministério da Educação comemorou foi a estabilidade das médias brasileiras e uma boa notícia: a melhora dos resultados da região Nordeste, a pior na última avaliação.

Os resultados continuam ruins, mas houve um avanço significativo de 1995 para 1997. Em matemática, a média da região subiu nas três séries e, em português, em duas. Apenas na 4ª série se manteve nos 178 pontos. “A situação no Nordeste era de tanta carência que os investimentos nos últimos três anos, em especial a merenda escolar e o livro didático, provocaram mudanças”, disse Paulo Renato.

Joédson Alves 24.4.98



Sala de aula da Escola Classe 102 Sul, pouco antes da greve de abril: além das paralisações, os estudantes, pais e governo do DF sofreram com a escassez de professores — principalmente no ano passado